

## ENTREVISTA

com Márcia Maria  
Menendes Motta

**POR ALAN DUTRA CARDOSO E  
LUAIA DA SILVA RODRIGUES**



Em sua 28ª edição, a *Revista Cantareira* entrevistou a Márcia Motta, professora titular da Universidade Federal Fluminense. Especialista em História Agrária, a historiadora compartilhou conosco um pouco de sua trajetória acadêmica.

**Revista Cantareira [RC]: Prezada Prof.ª, em primeiro lugar gostaríamos que a Senhora comentasse acerca de sua trajetória acadêmica e de como se aproximou das discussões sobre Poder e Propriedades.**

**Márcia Motta [MM]:** Desde a graduação sempre tive interesse em pesquisas relacionadas ao que comumente se denomina *História Agrária* ou *História Rural* para os europeus. Aos poucos me concentrei em estudos ligados aos conflitos de terra propriamente ditos, pesquisando e orientando dezenas de trabalhos sobre este tema. Desde 2014, no entanto, sofri um impacto da obra de Elinor Ostrom, a primeira mulher a ganhar o prêmio nobel de Economia em 2009. A partir dos estudos de Ostrom - e sempre influenciada pela obra de E. P. Thompson - fui adensando as minhas discussões sobre o tema, que culminou com a criação do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia História Social das Propriedades e Direitos de Acesso, INCT - *Proprietas*. A consolidação deste INCT tem se desdobrado em estudos aprofundados sobre propriedades, não somente a material, como também a chamada propriedade intelectual e a dimensão da autoria.

**[RC]: Como a senhora observou a construção deste campo na historiografia brasileira? Quais são seus principais articuladores no exterior?**

**[MM]:** Há uma tendência em sublimar a contribuição de Maria Yedda Leite Linhares e Ciro Cardoso na construção desse campo científico no Brasil. No entanto, não há dúvidas de que ambos foram os formuladores da linha de História Agrária no país. Yedda Linhares era muito influenciada pela historiografia francesa e trouxe para o público brasileiro autores franceses até então desconhecidos - ou pouco lidos. Naquela época, não havia outra forma de acesso à informação de livros estrangeiros, se não fosse a generosidade de alguns professores, como Maria Yedda Linhares.

---

---

Nos últimos anos, o grupo que lidera o INCT - *Proprietas* tem construído intensas trocas acadêmicas com vários centros de pesquisa no exterior. Só para citar alguns exemplos, o CEIS-20, da Universidade de Coimbra, sob a liderança de António Rochette; o Washington College of Law, sob a coordenação de Sean Flynn; e o Center for International Intellectual Property Studies da Universidade de Estrasburgo, supervisionado por Christophe Geiger.

Contamos, ainda, com a colaboração de vários colegas do exterior, como o Prof. Dr. Rui Santos (Nova de Lisboa) e a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Margarida Sobral Neto (Universidade de Coimbra). Com esses investigadores internacionais há vários projetos em curso, envolvendo pesquisadores sêniores, jovens doutores, doutorandos e mestres de distintas áreas de conhecimento - como a História, a Produção Cultural, o Direito e a Economia.

**[RC]: É possível falar em uma nova ou velha historiografia sobre as relações de poder e as propriedades no Brasil?**

**[MM]:** É difícil dizer, mas tenho lido reflexões originais sobre esse tema, em especial, fora do Rio de Janeiro. Particularmente, eu prefiro não citar nomes, mas acho que vale a pena prestar atenção no que tem sido produzido no Sul e no Pará. Na UNIOESTE, por exemplo, os estudos sobre conflitos de terra e identidades têm se beneficiado das reflexões dos jovens Márcio Both e Marcos Stein. Na UNICENTRO, também no Paraná, destacam-se as abordagens relativas aos faxinais a partir do estudo do Anselmo Shörner e de Beatriz Olinto. No Pará, deve-se muito às abordagens de Francivaldo Alves Nunes e de Edilza Fontes. No Maranhão, há instigantes resultados sobre propriedades coletivas das Quebradeiras de Coco, a partir dos trabalhos de Viviane de Oliveira Barbosa e do estudo de Monica Piccolo sobre a Lei de Terras do Governo Sarney.

Mais recentemente, na Universidade do Cariri, três jovens pesquisadores - Darlan Reis, Isabel Cortêz e Sara Cortêz - dão os primeiros passos nas investigações sobre os conflitos de terra e construções identitárias no Ceará.

É digno de registro os trabalhos de Allan Rocha (UFRRJ) sobre autoria e direitos de acesso. Allan Rocha é, sem dúvida, um dos mais importantes intelectuais dedicados a esta temática, não somente no Brasil, mas também no exterior. No Rio de Janeiro, há também Leandro Malavota (IBGE) e Mônica Martins (UFRRJ), ambos dedicados a estudar as patentes no Brasil e no exterior. Identifico, da mesma forma, aspectos muito originais nos trabalhos do jovem cientista Mauro Amoroso (UERJ) um estudioso da propriedade nas favelas fluminenses.

**[RC]: A Senhora escreveu uma tese, em finais dos anos 1990, que é considerada um marco nas interpretações acerca da Lei de Terras no Brasil. Quais são as suas principais características?**

**[MM]:** Em primeiro lugar, ela talvez tenha sido um dos primeiros trabalhos a discutir a historicidade dos conflitos de terra no Brasil, debatendo a Lei como uma arena de conflitos entre atores sociais diversos e desiguais. O impacto deste livro só ocorreu muitos anos após a sua publicação, em 1998.

Em geral, havia uma certa leitura de que o tema dos conflitos de terra era exclusivo da Antropologia e da Sociologia Rural. Acho que aos poucos uma geração de historiadores foi se dando conta da complexidade e da riqueza de um enfoque que desnaturaliza a propriedade e discute a história das formas de resistência dos pobres do campo.

**[RC]: Revisitaria alguma daquelas questões a partir dos seus novos estudos?**

**[MM]:** Não. Entre as dezenas de coisas que eu aprendi com o Prof. Ilmar Mattos, uma vale a pena citar agora: todo livro tem uma história. Ele é um texto e um contexto. A Márcia Motta que escreveu em 1996 certamente não é a mesma Márcia Motta de tantos anos depois, mas eu prefiro que meus ex-orientandos avancem na discussão sobre a Lei de Terras e sobre os conflitos agrários nos oitocentos. Não à toa grande parte de meus ex-orientandos são hoje professores alocados em Universidades de várias partes do país.